



Solenidade de Todos os Santos

Ap 7,2-4.9-14

Sl 23(24),1-2.3-4ab.5-6

Jo 3,1-3

Mt 5,1-12a

Caríssimos irmãos e irmãs, a solenidade de Todos os Santos é celebrada na Igreja no dia 1º de novembro, porém no Brasil, por determinação da CNBB e aprovação da Santa Sé, esta solenidade é celebrada no Domingo seguinte caso o dia 1º não caia no Domingo. A solenidade de hoje, tem raízes antigas: no século IV começou a celebração dos mártires. Os primeiros sinais desta celebração têm seu registro em Antioquia, no Domingo após o dia de Pentecostes, sobre o qual já falava São João Crisóstomo.

Entre os séculos VIII e IX esta festa começou a difundir-se também pela Europa, e, em Roma de modo peculiar, o Papa Gregório III, no século IX quis que esta festa fosse comemorada no dia 1º de novembro, data que coincidia com a consagração de uma capela, na Basílica de São Pedro, dedicada às relíquias dos Santos Apóstolos, dos Santos Mártires, dos Santos Confessores e de todos os justos, do mundo inteiro, que chegaram a perfeição evangélica e que suas almas já se encontram no céu, junto a Deus, enquanto seus corpos repousam em paz aguardando o dia da ressurreição, onde plenamente, em corpo e alma verão a Deus, terão a visão beatífica e participarão da glória de Deus por toda a eternidade.

De modo especialíssimo hoje professamos nossa fé na Comunhão dos Santos, verdade de nossa fé expressa no Símbolo Apostólico, isto é, na oração do Creio. Significa a união espiritual de todos os cristãos, vivos ou mortos. A Comunhão dos Santos é um vínculo de amor e troca de bens espirituais que une todos os batizados mesmo após a morte. A Comunhão dos Santos se estende aos membros da Igreja Triunfante, os que já estão no céu, aos da Igreja Padecente, as almas do purgatório e aos da Igreja Militante, os fiéis que peregrinam sobre a terra ainda em busca da pátria definitiva: o Céu. Como nos recorda São Paulo em sua epístola aos Hebreus: “Não temos aqui embaixo cidade permanente, mas estamos à procura da cidade que está por vir” (Hb 13, 14).

Santidade é uma vocação comum a todos os batizados. Santidade tornou-se mandamento: “Sede santos como vosso Pai do céu é santo” (Mt 5, 48). O verbo “ser” está no imperativo: Sede santos, é uma ordem, é um mandamento de Nosso Senhor Jesus Cristo. A palavra “santo” na Sagrada Escritura, de origem hebraica *Kadosh*, é uma expressão utilizada para se referir a Deus sem pronunciar o Tetragrama Sagrado, o Santo Nome de Deus, o Santo dos Santos. *Kadosh* significa também algo que é sagrado, ou ainda um indivíduo que foi consagrado a Deus. Há, portanto um convite, um chamado, uma vocação para que sejamos santos. É um mandamento a voltarmos à inocência, ao estado original da imagem e semelhança de Deus que foi maculada e perdida por Eva e Adão pela desobediência e mau uso de sua liberdade de pensar e agir.

Adão e Eva originalmente eram santos, imaculados e puros de coração. Porém fechando-se em seu egoísmo, preferiram ouvir e cair na cilada do obsessivo ao invés de amar a seu criador e obedecê-lo, e assim pecaram gravemente contra Deus. Por isso perderam a santidade e o Paraíso onde viviam na presença de Deus e o viam face a face e lhe eram íntimos. Sua descendência herdou espiritualmente o pecado original. Todos nós, filhos de Adão e degredados filhos de Eva, ao nascermos trazemos as sequelas do pecado original em nossa alma. Porém ao sermos batizados, nos tornamos filhos de Deus, e, essa filiação destrói em nós a herança do pecado original e nos dá a liberdade de filhos de Deus.



Todo o Mistério da Encarnação do Filho eterno de Deus, Jesus Cristo, o novo Adão, no ventre de Maria, a nova Eva, tem por finalidade religar a humanidade inteira a Deus de quem pela desídia da desobediência se afastou, e, reconduzi-la ao Paraíso, ou seja, ao céu, para junto de Deus. É por isso que São João na segunda leitura de hoje exclama: *“Vede que presente de Amor o Pai nos deu: de sermos chamados filhos de Deus! E nós o somos! Desde já somos filhos de Deus, mas nem se quer se manifestou o que seremos! Quando Jesus se manifestar, seremos semelhantes a Ele, pois o veremos tal como ele é”* (1Jo 3, 2).

Todavia, para alcançarmos o céu, se faz necessário todo o nosso empenho e nosso esforço, e também a graça de Deus! É luta e labuta a cada dia, todos os dias de nossa vida. Por isso, Nosso Senhor deixou-nos o sacramento da reconciliação. Para nos purificar de nossos pecados e retornar, sempre que necessário, ao estado de graça que o batismo nos conferiu. Pois, *“todo aquele que espera em Cristo purifica-se a si mesmo como ele é puro”* (Jo 3, 3). Na primeira leitura, o mesmo São João, a quem Nosso Senhor concedeu contemplar o céu em uma visão mística, anteviu o grande dia da salvação e a enorme multidão que chegava ao céu. O número 144 mil não se trata de um limite de vagas, mas é a expressão da totalidade de todos os povos e culturas que foram santificados. O número 12 na Bíblia Sagrada significa a totalidade das tribos de Israel, o número dos Apóstolos escolhidos por Cristo par e, o número 1000 significa uma multidão incontável, portanto 144 mil é a somatória de 12 x 12 x 1000. Também nós fazemos parte da grande multidão que passa pela grande tribulação e que nossas vestes, antes maculadas pelo pecado de Adão e Eva, agora são lavadas e alvejadas pelo batismo no sangue de Cristo, o Cordeiro de Deus. E mediante nossa fé e constante conversão um dia com os Anjos e com os Santos, com a Virgem Mãe de Deus, renderemos louvores Àquele que venceu!

O Salmista, poeticamente indaga: *“Quem subirá até o monte do Senhor, quem ficará em sua santa habitação?”* E responde: *“Quem tem mãos puras e inocente coração. Quem não dirige sua mente para o crime”* (Sl 23, 3-4). O próprio Rei Davi experimentou a separação da graça de Deus, pois de pequenas transgressões é que se faz um grande pecador. Aliás, quando olhamos sua história vemos clara e evidentemente que ele cometeu todos os pecados possíveis contra Deus. Desobedeceu a todos os santos mandamentos do Senhor e cometeu todos os pecados capitais. Admoestado pelo profeta Natan, o Rei Davi confessou seus pecados, fez penitência e suplicou a Deus que por misericórdia lhe restituísse a alegria de ser salvo e lhe criasse um coração que fosse puro (cf Sl 50). Porém, onde abundou o pecado, superabundou a graça e a misericórdia (cf Rm 5, 21). E o próprio Deus lhe perdoou todos os pecados, restitui-lhe o estado de graça e lhe prometeu que de sua descendência viria o Salvador.

No santo Evangelho de hoje, entre as bem-aventuranças, nosso Senhor afirma: *“Bem aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”* (Mt 5, 8). Pureza de coração - *Puritas Cordis* – nos escreve Thomas Merton: *“Significa muito mais do que a perfeição moral ou mesmo ascética. É o fim de um longo processo espiritual de transformação da alma, perfeita na caridade, desapegada de toda criatura e de todos os movimentos das paixões desordenadas, capaz de viver mergulhada em Deus, sendo penetrada, de quando em vez, por intuições vivas de sua ação, intuições que sondam as profundezas dos mistérios divinos que entendem Deus em sua íntima e secreta experiência (...) a pessoa pura de coração não só conhece a Deus, Ser Absoluto, Ato Puro, mas o reconhece como Pai da Luzes, Pai das Misericórdias, que tanto amou o mundo que lhe deu seu Filho Unigênito para o remir. Essa pessoa O reconhece, não apenas pela fé, pela especulação teológica, mas por uma íntima e incomunicável experiência”*.



Ser santo, não significa não ter pecados. São João Paulo afirma: “*Santo é um pecador que nunca desiste*”.

Há uma história muito conhecida entre os católicos orientais, e também entre os fiéis das igrejas ortodoxas. Conta-se que, no Monte Athos, na Grécia, havia um monge que morava em *Karyes*. Ele bebia e embriagava-se todos os dias, sendo motivo de escândalo para os peregrinos. No dia em que morreu, muitos fiéis sentiram-se aliviados. Alguns vieram dar a notícia ao velho e venerável Abade Paisios, e comentaram que estavam contentes, porque o problema finalmente havia sido resolvido.

O Abade Paisios respondeu-lhes que já sabia da morte do monge, porque tinha visto uma multidão de anjos que vieram buscar a sua alma e levá-la para o céu. Os peregrinos ficaram chocados e protestaram. Alguns pensaram que o velho monge não havia entendido de quem eles estavam falando.

Mas ele explicou: “Esse monge nasceu na Ásia Menor, pouco antes da destruição pelos turcos, os invasores tomavam todos os meninos dos seus pais. Para não perderem o menino, seus pais, levavam-no consigo para a colheita, e para ele não chorar, colocavam *raki* no leite para que dormisse (*raki* é uma bebida alcoólica popular nos países balcânicos). Então ele cresceu alcoólatra. Mas como aquele jovem alcoólatra havia se tornado monge? O velho abade continuou a história:

- Já adulto, ele procurou a ajuda do mosteiro, e confessou a um monge que era alcoólatra. O ancião lhe disse para fazer muitas orações e prostrações todas as noites, suplicando a Santa Mãe de Deus que lhe ajudasse a reduzir os copos que bebia. Com muita luta, depois de um ano, ele passou de 20 para 19 copos por dia. Ao longo dos anos ele chegou a dois ou três copos, com os quais ainda ficava bêbado.

O mundo só conseguia ver o monge escravo do álcool, que escandalizava os peregrinos. Mas Deus viu um penitente sincero, que travou uma longa luta para se libertar das cadeias do vício. A condição espiritual de um pecador que está satisfeito e se acomoda no seu pecado é muito diferente da de um pecador que, mesmo caindo muitas vezes, se arrepende, faz tudo ao seu alcance, busca ajuda e reza com fervor para viver conforme a lei divina. Deus prefere um pecador sincero a um “santo” aparente.

Que a Augusta Rainha do céu, a Toda Pura e Imaculada, por sua intercessão, alcance-nos uma contínua purificação de nossos corações e graça de progredirmos nas bem aventuranças felizes habitarmos a Santa Morada do Altíssimo por toda a eternidade. Assim seja! Amém.

Dom Emanuel Maidana, OSB